

Verdade, verdades

MD Magno

Trecho de duas seções dos *SóPapos 2015*,
realizadas em 03 e 17 outubro na UniverCidadeDeDeus,
sede da NovaMente.

26

Nessa parte do *Seminário XI*, que vocês estão lendo, vemos Lacan criticando Jung (seção XII, item 1). Entretanto, precisamos considerar que Jung também tem razão – cinquenta por cento, pelo menos. Não me parece que ele *dessexualize* a Libido, e sim que acha que ela tem estágios superiores. Temos que saber que o protocolo que utilizamos limita a ação teórica e prática. O de Lacan – além de obrigar a determinar fim de análise (sou contra), de obrigar a sustentação de masculino/feminino, homem/mulher (coisa que já passou) – mantém a libido numa tensão, que chamo de paranoica, entre pessoas, quando ela é algo abstrato. Como Jung disse estar fazendo Psicologia Analítica, e não Psicanálise, não há que criticá-lo como psicanalista. Desde que se retirou da companhia de Freud, ele não é psicanalista, e sim psicólogo. Ele é, sim, alguém que resolveu fazer leitura conteudística do Inconsciente. Como o Inconsciente é cheio de formações, ele queria anotá-las. É o protocolo dele, não há erro aí, e é interessante. Vejam também que a única pessoa, neste país, que soube lidar com psicóticos foi Nise da Silveira. Ela

dedicou toda sua vida a isto. Já viram as pinturas dos malucos que ela incentivou? São de altíssimo nível. Ela tinha seu jeito de pensar e fez direito o que fez. Nunca a conheci, mas, na época dos inícios de meu Seminário, anos 1970-80, disseram-me que ela esteve presente uma vez e comprou meus livros. Ela saiu sem que eu pudesse conhecê-la. E talvez interessasse a ela conhecer mais um psicótico...

- P – *Trabalhei com ela e ela dizia que não gostava de lacaniano.*

Pois é, talvez tenha ido lá me levar para o hospício... Ela podia não gostar, mas quis saber o que era.

- P – *Também trabalhei com ela um tempo. Ela, sempre cercada por gatos, dizia que só eles eram capazes de potencializar a transferência com os psicóticos. Através dos gatos, ela ia sacando como abordar cada psicótico.*

Ela tinha absoluta razão, pois essa abordagem é *via Primário*.

- P – *Trabalhei com ela no Engenho de Dentro, na ala masculina. Era a época dos festivais de música e ela quis que fizéssemos um com os internos, sem prêmios, com todos se apresentando, e, no final, pediu que eu chamasse Jards Macalé para cantar com eles. Depois, então, de meses de apresentação dos internos, no último dia, lá veio Macalé. A terceira música que cantou era a composição de Caetano Veloso cujo refrão repetia: “Eu quero é ir-me embora, quero dar o fora, quero botar fogo neste apartamento...” O pessoal, aos berros, começou a fazer o coro e a se empolgar de um modo que a Dra. Nise teve que baixar o som e pedir para parar a música, tal foi a comoção criada.*

Ela tinha razão. Não se pode ficar acicatando loucuras.

Como já contei a alguns de vocês, não trabalhei com malucos de

hospício, mas, nos anos 1960, fiz Oficina de Arte com adolescentes barrapitada na Escola XV de Novembro, da Funabem (Fundação do Bem-estar do Menor). Era difícil lidar, mas consegui receber a confiança deles. Só o consegui porque jamais abri o bico junto à direção sobre o que me contavam. Sempre expus, pregados na parede, os trabalhos que faziam. Isto era feito sem discriminação quanto à qualidade. Como havia muita coisa para cuidar, em dado momento, colocaram uma moça para me ajudar e ela, sem me perguntar, começou a fazer julgamentos estéticos sobre os trabalhos. Eles a trancaram, cercaram e quiseram matá-la. Ela teve presença de espírito e conseguiu se safar, mas foi um sufoco. Havia lá um psicólogo – eu era professor para o ateliê de arte –, o qual falava sobre o que os garotos lhe contavam. Resultado: colocaram uma lata de cera com um fio desencapado e o chamaram para olhar. Quando ele se aproximou, ligaram o fio à eletricidade – e ele ficou todo queimado com a explosão. Dada a confiança dos adolescentes em mim, o pessoal da Funabem me chamou para dirigir a escola. É claro que recusei, pois sabia que, com vinte e poucos anos, não conseguiria lidar com a politicagem e a violência de ambas as partes.

• P – *Você acha possível a ressocialização desses adolescentes?*

Minha monografia de Graduação foi sobre a experiência de Summerhill, que A. S. Neill conduzia na Inglaterra. Lá também só tinha garoto maluco e pré-delinquente. Eu achava aquilo impossível. Mais razoável me pareceu a experiência de A. S. Makarenko, nos anos 1920-30, na Rússia. Seu livro *Poema Pedagógico* foi traduzido e publicado aqui em 1985. Aquilo tinha uma cara de Maximo Gorki, usava-se Pavlov, mas a postura pedagógica de Makarenko era bastante eficaz.

• P – *O mesmo valeria para o tratamento de psicopatas?*

Há lugares – parecidos com Palácio do Planalto, Congresso Nacional, Polícia... – que eles gostam muito. Se observarmos bem o comportamento deles, veremos como há psicopatas soltos por aí. Quando não têm poder, estão lá embaixo, o poder é de pura retaliação. Eles são terríveis. Quando são pegos, contam o que aconteceu, têm uma lábia, são gentilíssimos, lacrimejam, se emocionam. Não sei de onde tiram tanta emoção, pois, se V. S. Ramachandran estiver certo quanto ao mau funcionamento dos neurônios-espelho, podemos dizer que não têm empatia alguma. Se recebem uma queixa, o outro merece um tiro.

27

Temos um problema historicamente difícil de abordar em termos de lógica, filosofia... Já se fez de tudo para tentar definir o que possa ser a **Verdade**. Certas filosofias querem que ela coincida com a realidade, ou pior, com o real, com o fato. Isto, na medida em que separam o *fato* da *interpretação*. Nietzsche eliminou a ideia de fato: “Não há fatos, só há interpretações”. A verdade vai junto, é claro! Como sabem, costumo dizer o contrário: **Só há fatos, não há interpretações**. As pessoas pensam estar fazendo interpretação, quando estão criando outro fato. É outro fato, que pode ser apenas secundário, uma ficção... Ficamos, assim, mais ou menos perdidos nessa floresta de fatos e fogos-fátuos. Então, como estabelecer alguma verdade? Desde a mais corriqueira, em papo social, à verdade jurídica, por exemplo, que, às vezes, coloca alguém na cadeia, ou manda matar? À verdade científica, que supõe estar falando certa formação do Haver?

Interessa, pelo menos para uma postura psicanalítica, saber o que pode ser Verdade. De nosso ponto de vista, há várias possibilidades de estabelecer (não a Verdade, mas) verdades. *O paradigma da psicanálise é sexual*, o que interfere no paradigma da verdade. Ouçam o que direi agora: **O paradigma da verdade é sexual**. À medida que cada um (não conhece, mas) reconhece suas formações do Tesão – ou seja, usando um termo antigo, reconhece sua motivação pulsional – está reconhecendo a verdade. Nada de mais verdadeiro que Tesão. Mesmo porque não temos tesão porque queremos. Não somos nós que temos tesão, o tesão é que nos tem. Suponho que qualquer um que seja relativamente vivo tem a experiência de, de repente, deparar-se com algo que é o tesão – esta é a verdade. O dispositivo pulsional é paradigma da verdade. Qualquer verdade tem que ser parecida com isto. Retomo agora algo que já indiquei brevemente este ano ao comentar sobre Feyerabend (item 7, acima). Desde 1979, n’*O Pato Lógico*, está esboçada a **Teoria das Formações** em termos de verdade sexual, no sentido da Verdade do Tesão, da transa. Naquele tempo, referindo-me à teoria dos conjuntos – coisa que não faço mais –, disse que há dois polos: um se depara com o outro, e há transa entre duas formações polares. Todo e qualquer acontecimento psíquico, na verdade, faz parte do conhecimento. Ao dizer que **o que quer que se diga é da ordem do conhecimento**, quero dizer que qualquer transa, no nível psíquico, elabora um conhecimento. Pode ser o mais errado, mas é conhecimento. Aliás, por poder variar e por não conseguirmos dar conta do real, da realidade, das formações que se deparam com outras formações por aqui, o conhecimento é sempre errado. Isto, no sentido de que há progresso possível. É como na estatística, que sempre inclui uma margem de erro.

Sempre que uma formação se depara com outra formação, esta é a

transa possível – de qualquer nível: químico, intelectual, etc. – e se estabelece do mesmo modo, paradigmaticamente, que uma transa sexual. Ou seja, como tesão. Mesmo que você não chegue a transar, já houve a transa. Bateu tesão, já transou: uma formação transou com outra. Digo, então, n’*O Pato Lógico*, que a transa acontece assim: *Ex-citação, In-Citação, Re-citação*. Para que uma formação seja co-movida pulsionalmente, é preciso que seja citada de fora por outra formação que bate empaticamente com ela. Vejam que estou usando o termo *empatia* no mesmo nível da Etologia. Isso é empático e, desde a descoberta de V. S. Ramachandran, é também claramente neurológico. Repetindo, uma formação é co-movida, de qualquer maneira, de qualquer tipo de co-moção, por outra formação à medida que foi citada de fora por outra formação. Provavelmente, se houve esta Ex-citação, a outra também sofreu a mesma Ex-citação. São duas formações polares: uma, em qualquer tipo de situação (um cientista no laboratório, por exemplo), consegue co-mover a outra porque a situação co-movida foi citada de fora pela outra. É uma Ex-citação. Para isso continuar funcionando, é preciso haver In-citação. Isto é, que o que foi citado de fora possa *citar-se* de dentro, pois as formações são formações de formações, de formações, de formações... O que permite que se possa Re-citar, ou seja, efetivamente transar. O processo transacional se dará na continuação: a transa tem efetividade apenas na Re-citação. E isto não é diferente de conhecimento algum. A Bíblia dos judeus, ao dizer, meio idiotamente, que Adão *conheceu* Eva, está dizendo que isto é conhecer.

Pensar assim fica difícil para os filósofos porque seu paradigma não é sexual. Para nós, é mais fácil pensar que toda transa resulta no conhecimento que pode se dizer de algum modo. Não há, nisso, epistemologia, vontade de dominação... O impasse da filosofia é dizer o

que é e o que não é conhecimento. Nós sabemos que até existe a possibilidade de hierarquizar conhecimentos em função das funções, em função dos interesses de agoraqui, mas não é possível que algo aconteça que não seja conhecimento. Não é possível uma transa acontecer sem *inscrever* um conhecimento. Tanto que, na consideração entre formações de cá e de lá, é possível ler em formações rochosas de milhões de anos, por exemplo, onde está escrito o conhecimento da transa geológica que lá aconteceu. Há conhecimento lá escrito, se não, não se poderia ler, reconhecer ou reproduzir o conhecimento que, nessa transa, rerresulta em conhecimento. Por isso, digo que só há fatos, não há interpretações. Por mais que eu faça ficção, que, em função de minhas asneiras e idiotices, invente conhecimento, é, sim, conhecimento (com os erros que tenha, enormes ou pequenos). Faço questão disto para ajudar a golpear as epistemologias, que são pura vontade de dominação.

O que sustenta o espírito científico – quero chamar assim, como faz Bachelard – **são as perguntas, e não as respostas**. Estas são a produção do conhecimento possível agoraqui. Elas podem estar certas ou erradas, mais certas ou menos certas, provisoriamente certas até segunda ordem – isto, sem a falsificabilidade de Popper. Aliás, quando Popper decide – sem ninguém lhe dar esta permissão – que o que é científico é o que é falsificável, é uma decisão dele e da sua epistemologia. Isto porque, se é falsificável, é um resultado. Se o resultado é falsificável e pede outro resultado, não estamos falando de espírito científico, pois este está na pergunta, e não no resultado. O espírito científico comparece é quando se sustenta a pergunta – quando a criança pergunta: “Por quê? Por quê? Por quê?” O espírito científico resulta num monte de bobagens, boas ou más, mas sempre resulta em algum conhecimento. Toda vez que alguém tem a ousadia de propor uma

teoria sobre o que quer que seja – pode ser uma teoria fantástica, ou primitiva... Os primitivos produzem algo que chamamos de *religião*, que é apenas a *teoria* que foi possível naquele momento. Certos autores (Jean-Marie Guyau, por exemplo) chegaram a tomar a “a crença religiosa como paradigma de toda pesquisa”. Ora, é justamente o contrário que quero dizer: é o espírito científico que, em sua pobreza, cria a feição religiosa. O que a religião esquece, hoje, é que tem passado, que aquilo já acabou e quer sustentar o conhecimento do homem primitivo. Entretanto, no tempo em que o homem da caverna inventou que o bisonte era o Deus, aquilo era um conhecimento da melhor qualidade. Era científico. Ele fez a pergunta “o que estou fazendo aqui, meu Deus?” – e achou um bisonte para responder. Qualquer tecnologia é a mesma coisa: um machado de pedra que vai resultar no raio laser. Assim, ao ter a audácia de fazer uma teoria, se a pessoa for refinada, dirá que tem um *axioma*. Esta palavra é o nome, eufêmico, do que ele acha que é a *verdade*. É o apelido de uma verdade. Ele só consegue produzir uma teoria se colher uma verdade para ser fundamento da sua teoria.

Por isso, já disse de outras vezes que a verdade, para a psicanálise, é Alei: Haver desejo de não-Haver. Esta Alei não veio de araque, levou séculos para ser produzida em vários pensamentos – filosóficos, psicológicos, psiquiátricos, etc. – juntamente com certas pretensões da Física, no campo da termodinâmica. Com tudo isso mais ou menos coincidente, chegou um momento da história do Ocidente em que surgiu *uma verdade* em relação ao Haver. Os físicos diziam que era em relação ao universo. Ela surgiu na termodinâmica com o nome de *Entropia*, e no campo *psi*, dito por Freud, com o nome de *Pulsão de Morte*. De fato – o fato do processamento da teoria psicanalítica –, com o tempo, acontece que essa verdade vira o fundamento, a verdade, da psicanálise. Pulsão de

morte é: **Tessão. Todo tesão quer ficar livre de si mesmo.** Os orientais inventaram a *Maithuna*: longos exercícios eróticos para ficarem trepando, trepando, sem gozar. Ou seja, querem suspender a Pulsão. Querem afastar a morte e o gozo.

• P – *Um indiano me disse que o objetivo era economizar esperma, para conservar energia.*

Para quê? Esperma sempre foi um desperdício. Se traduzirmos o “conservar energia”, a kundalini, como chamavam, para nossos termos é: suspender a pulsão de morte. Toda pulsão é de dispêndio, desperdício. Basta ler *A Parte Maldita* (1949), de Georges Bataille, para entender que a pulsão é a Lei do Haver. A Lei que rege o Haver é a Lei do desperdício, da perda. Há desperdício, mas não perda total. É como está escrito na mesma Lei que escreve a Pulsão:

Alei = Pulsão (de Morte) = Entropia = $A \rightarrow \tilde{A}$

Não haver \tilde{A} = Neguentropia

Está, portanto, escrito na mesma Lei da entropia que o que é desejado é não-Haver. Mas, como o não-Haver não há, ou seja, é o Impossível Absoluto, na mesma Lei da entropia está escrita, junto com a Pulsão, a *Neguentropia*. O pessoal fica se perguntando por que a coisa não desaparece, daí falarem em neguentropia. Não desaparece porque não há o não-Haver, como o nome já está dizendo. Não existe desperdício absoluto. O desperdício é: *metamorfose*, mudança de situação. Stephen Hawking, o aleijadinho, publicou um texto desconfiando de que havia perda de energia e, portanto, perda de informação, nos buracos negros. Leonard Susskind, quase trinta anos depois, provou que ele estava errado. Hawking, como grande gênio honesto que é, concordou. Isto é importante porque não há possibilidade de, em ciência, sobretudo na

micro (quântica) e na macrofísica (cosmologia), poder-se suportar qualquer conhecimento como perda de informação. Ou seja, no Haver informação alguma se perde. Não há desperdício total, isto se chama neguentropia. Por isso, vemos um buraco negro devorar uma galáxia, aquilo explodir e começar tudo de novo. É a chamada *reencarnação* – não há outra. Como temos certa intuição disso, pensamos que vai-se reencarnar o mesmo. O narcisismo é tal que aqueles que falam de reencarnação em sessões espíritas sempre dizem ser reencarnações de algum rei, de algum faraó ou coisa parecida, e nunca da escrava Isaura, por exemplo. Mas a única reencarnação que existe é o processo negentrópico voltando a começar tudo de novo, mas sem configuração antiga alguma, sem pré-configuração alguma. É preciso ter a humildade de saber que as galáxias estão se lixando para nós.

• P – *Na termodinâmica, há a terceira lei, do zero kelvin (0 K), que jamais foi verificada ou factível em laboratório. É a temperatura mínima na qual qualquer molécula pararia de se mover. Seria a morte da matéria e da energia a 1/273,16 °C.*

Isto quer dizer: **A Morte não há.** E muito menos é apreensível de algum modo, pois tem a cara do quase-Impossível, que é o não-Haver. Tudo que morre, finge que morre, mas vai reaparecer em algum lugar. Como há a intuição disso, as pessoas primitivas – de antes e de hoje – pensam que vão reencarnar como si-mesmas. Não existe si-mesmo. O único si-mesmo que existe é o Haver. Este é homogêneo, não perde energia, não perde informação, mas muda de configuração. É *Metamorfose*, como está no texto de Ovídio que já pedi que lessem. Aliás, recentemente, cientistas ao observarem dois buracos negros transando – é interessante pensar nessa transa dos dois, talvez as mulheres saibam

melhor como é –, descobriram que funcionam justamente como as partícula subatômicas. Então, *Id quod inferius sicut quod superius*: assim na terra como no céu.

Em milênios, coalesceu-se – por acaso dito deste modo no Ocidente, no Oriente é dito de outro modo – a Verdade que utilizamos. Escolhemos uma verdade possível aqui e agora para ser a base e o fundamento de um processo teórico. A psicanálise é simples assim. Se, axiomáticamente, ou seja, verdadeiramente, acolho como verdade fundamental a Lei produzida por Freud quase contemporaneamente com a termodinâmica, a qual dura até hoje – a lei da entropia parece incontestável no conhecimento atual –, isto permite me reaproveitar radicalmente dela. Freud a usou meio timidamente, Lacan disse que só há pulsão de morte, mas tampouco quis – ou não pôde – desenvolver o processo. Lançar mão desse axioma, dessa verdade razoável, aceitável sem contestação, é fundamentar a psicanálise que temos – e dizer: “Esta é a Verdade”. Se me perguntarem se penso que sou dono da verdade direi (não que sou dono, mas) que A Verdade é minha dona. A verdade que está disponível – na física, na psicanálise, etc. – é essa.

• P – *Lacan falava da verdade do desejo.*

Para Lacan, na análise, é preciso vir a dizer a verdade, que não é senão a sua verdade sintomática, é como seu desejo se exprimiu: “Sai do armário, desgraçado!” Trata-se aí de qualquer armário: matemático, técnico, sexual... Não é confissão, não é para os outros, e sim dizer para você: “Saqui o que me bota com tesão!”

Então, quando duas formações transam, elas estão dizendo a verdade. Isto, só porque transaram. A verdade pode ser barata, mixuruca, ou mesmo grandiosa. Se há co-moção entre duas formações,

de qualquer ordem, há verdade – e, portanto, há conhecimento. Com isto, pelo menos para mim, dejetos a epistemologia. É, de fato, uma tolice os epistemólogos quererem estabelecer qual é a verdade da ciência. Não há fronteira entre o que é e o que não é ciência. Não existe um lugar onde ela começa ou onde acaba. Historiadores podem datar seu surgimento em tal época, mas apenas estão querendo amainar com sua angústia. Ciência é tudo que resulta em progresso para nós. Ao contrário do que disseram os neuróticos do século XX, a verdadeira ciência acaba em tecnologia. Se não acabar em prótese, é um conhecimento que não nos deu quase nada. A crítica de certos filósofos rabugentos ou nazistas é no sentido de nos fazer esquecer que, em última instância, ciência é tecnologia. Mas o que a gente quer? Consumir! Inventaram um tal de *consumismo* que não se sustenta. Brasileiro, por exemplo, que não tem dinheiro para comer, é consumista? Esta espécie existe porque há Revirão, o qual consome tudo que passa pela sua frente. Isto, se deixarem, se houver competência... Qualquer conhecimento é *poder*, que pode ser menor ou maior. Poder é força. Como Gilles Deleuze fez a crítica aos leitores de Nietzsche, os deleuzeanos não admitem que se fale em *vontade de poder*, querem que seja *potência*. Mas potência é o quê senão poder? Nietzsche não está falando do poder constituído, mas está também falando dele, pois o poder constituído depende da soma dos poderes que o alimentam. A crítica de Deleuze está correta por ir contra os leitores fascistas que se aproveitaram da irmãzinha nojentinha de Nietzsche para fazer do livro *A Vontade de Poder* a vontade de nazismo. Pior foi Heidegger que publicou dois volumes de um seminário seu sobre Nietzsche, em que tenta, sem conseguir, dar a volta no passado. É que a alma dele é nazista, nada há a fazer quanto a isto.

Retomando o que disse antes, de nosso ponto de vista, a *empatia*

exige formação neurológica, que Ramachandran chama de *neurônios-espelho*. E suponho que ainda falte achar coisa importante, pois, embora não seja neurocientista, não me parece que os neurônios-espelho enquanto tais expliquem a *Catoptria*. Ela deve ser mais funcional de todo o cérebro. É claro que pode ter a corroboração dos neurônios-espelho, mas a *catoptria* é algo que ainda não acharam. Os neurônios-espelho foram descobertos na transa externa dos macacos. Sobretudo, que o princípio fundamental de qualquer aprendizagem é a imitação do outro. Ramachandran é neurocientista e, por ter este rótulo na universidade, perde o direito e a coragem de dizer coisas como nós temos o direito e a coragem de dizer. Se não estiver provado em laboratório, ele não diz. Mas em seu próprio livro, *O Que o Cérebro tem para Contar*, que pedi que lessem, diz ele que faz a suposição de que haja transa especular *entre* mesmo os neurônios-espelho. Não é externa, é transa interna. Isto já me ajuda. Se, para além da empatia externa, os neurônios-espelho transam especularmente internamente, aí está um primeiro passo para entender a *catoptria* cerebral. Eu vejo que funciona, já os cientistas precisam provar em laboratório. Minha prova é que estou sacando.

• P – *Ramachandran fala da ressonância entre dois circuitos. O caso da sinestesia, por exemplo, na qual a ressonância é produtora de metáfora.*

O que ele chama de *ressonância* é transa entre formações internas. É sobre isto que, suponho, poderei ler, por exemplo, no livro *L'Étrange Encyclopédie du Dr K.* – já o encomendei –, em que o autor, Emmanuel Grimaud, diz que a Astrologia não deixa de entrar em ressonância com aqueles que a ela recorrem. Quanto a mim, digo que, no Haver há ressonância da constituição de última instância em nossa espécie e em

nosso fazer. Como sabem, ressonância é um conceito que vem de Helmholtz que, no final do século XIX, construiu caixas de vários tamanhos para ressoar sons que ele emitia. Ou seja, ressonância é: algo funciona aqui que ressoa em outro lugar. Então, milênios de prática da astrologia podem indicar – sem crença – que as pessoas acham que, na estrutura do Haver, há ressonância de exposição e de situação, os quais parecem coincidir com funcionamentos aqui entre nós. Observem que estou dizendo que isto é possível, e não que seja crível. Ressonância é que há transas entre certas formações, e desconhecemos as transas e as formações. Além do mais, ainda não está bem desenhada a fronteira entre astrologia e astronomia. Lacan, ao falar disto, quis dizer que aí estava o surgimento da ciência propriamente dita, mas dizer isto é coisa do século XX. Nós, aqui, stamos fazendo o esforço de emplacar o século XXI.

• P – *A teoria do significante e o modo de construção de Lacan foram inspirados na teoria da informação assentada na noção de bit, sem significado. Ele transportou esta noção para a lógica das cadeias significantes.*

Escapando, assim, de Saussure. Como faria ele para não ser um Lévi-Strauss de terceira? Colocando o significante como da ordem do *bit*. Não tem significado.